

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas: Editora PHI, 2013.

### **Rodrigo Francisco Barbosa<sup>1</sup>**

Sob o título “Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é” o professor Jorge Luiz Viesenteiner (UFES) apresenta ao público brasileiro o resultado de uma investigação que permite aproximar o leitor aos caminhos da pesquisa Nietzsche Internacional com toda a relevância que o debate filológico pode proporcionar aos desafios interpretativos. Nesta edição lançada em 2013 pela editora PHI de Campinas, uma versão modificada da tese de doutoramento do autor, Viesenteiner esquadrinha, em suas 326 páginas do livro, o tema do “vivência” que permeia a *fórmula* de Nietzsche “tornar-se o que se é” incorporada e alterada do “tendo aprendido o que você é, torna-te tal como você é” das *Odes Píticas* de Píndaro (p.11).

Ao apresentar essa estratégica alteração realizada por Nietzsche da frase de Píndaro, Viesenteiner enfatiza, já de início, o fio condutor possível para direcionar e justificar sua compreensão do “conceito de vivência (*Erlebnis*)”: trata-se de uma “práxis sem teoria” do qual a artimanha filológica da alteração da expressão de Píndaro realizada por Nietzsche permite clarificar. Deste modo, o objetivo central que mobiliza todo o desenvolvimento do texto de Viesenteiner é o de compreender o conceito de “vivência” como “condição para 'tornar-se'”, isto é, interpretar a “*Erlebnis*” enquanto “*pathos*” sem qualquer vinculação à “interpretação autobiográfica” ou “modelo ético” (p.12) que a *fórmula* possa receber.

A fim de alcançar esse objetivo, Viesenteiner estrutura sua tese a partir de três capítulos que possibilitam desdobrar os argumentos para “compreender a fórmula sob a perspectiva da vida enquanto *pathos*” como quer o autor (p.304). Grosso modo, a estrutura argumentativa dos três capítulos parece bem específica em sua temática na medida em que centraliza o que poderíamos chamar de “núcleos específicos” de discussão: no primeiro capítulo temos o tema do “experimento”, no segundo capítulo temos o tema da “vivência” e, por fim, temos “linguagem e intencionalidade” como temas trabalhados. Sendo assim, alguns dos movimentos do texto de Viesenteiner podem ser expressos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado “Ciência, paixão do conhecimento e 'tornar-se o que se é'”, Viesenteiner investiga a forma como as variações semânticas da noção de “ciência” possibilitam identificar “o conceito nuclear e preparatório à noção de vivência” que é o

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: semcentro@gmail.com

conceito de “experimento” (p.14). Para tanto, o autor desdobra o capítulo em três subitens que buscam detalhar esse percurso com cujo título geral exemplifica: toma-se a “ciência” sob o conceito “nuclear” de “experimento” no intuito de compreender suas variações e seu direcionamento à noção mesma de “vivência”.

Enquanto Viesenteiner mostra-nos como “o entusiasmo de Nietzsche em relação à ciência natural” se realiza por meio da leitura e da relação de influência que cientistas como “Boscovich, Darwin, Julius R. Mayer e Johann F. Zöllner” exercem sobre o filósofo alemão, ao mesmo tempo o autor enfatiza que a estratégia de “analisar o conceito de experimento” se dá devido a uma “impossibilidade de delineá-lo sob a rubrica de uma noção *lato*” senso, ou seja, Viesenteiner busca, para além da equação óbvia entre “ciência” e “experimento” desse contexto, reconhecer a amplitude do intento de Nietzsche de aproximar as esferas de “ciência” e “arte” como “unidade” para trabalhar num âmbito estritamente “prático”, que encerra uma “dimensão estética” e “ética do experimento” (p.24-5). Deste modo, a partir de um trabalho pormenorizado, Viesenteiner interpreta o conceito de “experimento” no contexto do “período intermediário” (Especificamente, “*Humano, demasiado Humano* [1876-78]”, “*Aurora* [1880]” e “os primeiros livros d’*A gaia ciência* [1882]”), sob uma dupla variação semântica: por um lado, o “conceito de experimento” instrumentalizado por Nietzsche permite reconhecer a “ciência” como “parte fundamental do projeto de despotencialização e congelamento dos erros da razão” (p.14 e 21-59); por outro lado, a análise dos “apontamentos inéditos e preparatórios a *Aurora* e *Gaia ciência*, intitulados *L’Ombra di Venezia*” da “primavera de 1880” permite compreender como a noção de “ciência”, vinculada ao “caráter propedêutico” do “experimento” se “converte em paixão do conhecimento”, isto é, o “ímpeto” semelhante ao “amor infeliz” que nessa “tarefa” apresentada por Nietzsche, após “colidir com a dimensão da ordenação moral” do mundo e “preparar as condições mais adequadas à experimentação”, “intensifica o projeto de auto-formação” (p.15 e 59-77). De acordo com Viesenteiner, é esse “o primeiro movimento que retira quaisquer aparatos conceituais entre o homem e a vida” já que passa-se a considerar “a si mesmo como objeto de experimentação” (p.15 e 25). Neste sentido, o duplo esforço de Nietzsche nesse momento, segundo Viesenteiner, resulta em uma “lenta escalada da supressão da ordem moral do mundo” a partir da “crítica dos sentimentos superestimados”, isto é, a “segunda natureza”(p.72). A ênfase de Viesenteiner em relação a este aspecto no que se refere a obra *A Gaia Ciência* é fundamental: é o “texto que mais amplia possibilidades em torno de uma estética da existência” no âmbito de fornecer um campo propício para “testar com as possibilidades de vida” (p.72 e 75). Esse movimento teórico,

ênfatisado por Viesenteiner, de que “a vida vai, gradativamente, partindo de uma concepção de *pathos* do conhecimento – ou paixão do conhecimento – a uma concepção de estritamente *pathos*”, permite reconhecer o *locus* da “paixão do conhecimento” como “uma função canônica de preparar as condições mais adequadas para a auto-formação do homem” que a “disposição para considerar-se objeto de tentativa e experimento” representam (p.27, 92 e 94). Assim, é essa concepção que permite o direcionamento para a noção de “vivência” que é investigada no capítulo subsequente.

No segundo capítulo, intitulado “‘Vivência’ e ‘tornar-se o que se é’”, Viesenteiner passa a interpretar precisamente a noção de “vivência” como “*pathos*”. Para tanto, refaz o percurso da “pré-história romântica e panteísta da palavra *vivência* [*Erlebniss*] na literatura alemã” e ênfatisa a presença de Richard Wagner em seu reconhecimento da “loucura dos conceitos universais” (p.455) para circunscrever a “exata dimensão da recepção do conceito [de vivência] feita por Nietzsche” (p.107). É deste modo que Viesenteiner desdobra a argumentação de maneira a destacar que “Nietzsche recebe visivelmente o conceito de vivência através da sua tríplice significação que, originalmente, determinou seu uso no vocabulário da literatura alemã” (p. 114.), isto é, trata-se da tríade: “a imediatez homem-mundo, a significabilidade para o contexto geral da vida e ainda a impossibilidade de comensurar racionalmente o conteúdo da vivência”. Assim, ao apresentar o quadro de recepção que Nietzsche faz da noção de vivência, Viesenteiner conduz os seguintes subitens demonstrando como ocorre, para além daquela tríade, variações de significação do conceito no interior do texto do filósofo alemão, que se apresentam como pontos fundamentais da argumentação do intérprete. A primeira variação “intratextual” que Viesenteiner aponta é a que compreende a “Vivência como crítica da razão da minha vida” (p.115).

Neste primeiro momento Viesenteiner identifica como a partir de 1880 Nietzsche se utiliza de sua “vivência pessoal de despreendimento” em relação à “solidão” e a “doença” - ligados à Schopenhauer, Wagner e a convalescência dos anos de 1880 -, como “solo de seus pensamentos” para poder realizar a “crítica da 'razão da vida'” que, como destaca o autor, significa “**analisar sob que condições de vida emergem e se transformam suas teorias**” (p.117), ou seja, não significa - e aqui a ênfase do autor é fundamental -, identificar nessa “travessia espiritual do início dos anos 1880” uma determinação psicologizante de que os escritos de Nietzsche seriam uma “narrativa ou descrição de si mesmo”, isto é, uma “biografia”, mas, conforme destaca Viesenteiner, trata-se de uma “autogenealogia” em que a noção de “vivência” como “razão da vida” fornece a possibilidade de *tentar* “compreender as

teorias a partir da suas próprias condições de vida” (p.118). O elemento fundamental dessa “hipótese do conceito de *vivência* como crítica da 'razão da vida'” levantado por Viesenteiner é identificado pela ênfase dada por Nietzsche ao fato de que “deveríamos falar apenas de coisas que já tenhamos vivenciado” (p.116) ou, como o filósofo mesmo destaca em carta ao antigo editor Ernst Schmeitzner “eu escrevo *apenas* o que foi por mim **vivenciado**” (p.119). Sob essa máxima que poderia sugerir uma exclusiva “unidade” entre “pensamento” e “vida” é que Viesenteiner destaca o carácter “paradoxal” desta noção de “vivência”: trata-se de um “signo” que “anseia representar algo que, em si, não é compreensível” e como “fabulação” (*Erdichten*) daquilo que *nela colocamos* é, enquanto expressão sîgnia do pensamento, “a genealogia das condições de suas teorias, das suas '500.00 opiniões’” (p.122-7).

No segundo momento de seu segundo capítulo Viesenteiner examina “outra significação ainda mais importante” definida no subitem “Vivência como pathos e 'tornar-se o que se é’” (p. 137). Nesse exame, a partir do detalhamento do conceito de vivência e sua tripla significação para vinculá-la à noção de pathos, Viesenteiner destaca o carácter de “incomensurabilidade conceitual de uma vivência” que permite a explicação do que seja uma “vivência enquanto pathos” na filosofia de Nietzsche, apenas a partir da atenção à conceitos como o “**grande desprendimento**” e o par “**saúde e doença**” que giram em torno dessa incomensurabilidade que, enquanto pathos, a “vivência” seria “o instante imediato, significativo e estético de uma vida” (p.140-143). Se, por um lado, a noção de “grande desprendimento” é a chave decisiva para a compreensão da “radicalidade e individualidade da travessia por uma vivência”, por outro lado, o par “saúde e doença” expressa a “dinâmica de intensificação da vida sempre que alguém é submetido à pressão do sofrimento ou a uma paixão” ou seja, a “uma travessia provida de *pathos* que não implica mais intencionalidade” (p.143). Neste sentido é que o desdobramento da argumentação de Viesenteiner se mobiliza: mostrar efetivamente que “pathos” e “vivência” não são opostos, mas trata-se de reconhecer que “uma *vivência* é propriamente *pathos*, o padecimento da travessia por uma vivência.” (p.138). Sendo assim, o conceito de “grande desprendimento” é destacado como fundamental na medida em que, como “dinâmica do movimento da vivência (...) representa a trajetória que parte do fanatismo, passa pelo aprofundamento na doença e vai até a conquista de um excesso perdulário de vida” como destaca Viesenteiner (p.152). Com base nisso é que o autor investiga as possibilidades de “cultivo’ do homem na *vivência*” em Nietzsche – título do subitem subsequente – em que há um “processo de experimentação” do qual o “homem” é “escaldado e curtido através da intensidade de cada vivência” (p.187). Uma vez que “tudo é

necessidade (HH 107)”, esse processo jamais seria realizado de forma “consciente e planejada” (p.189) mas, como enfatiza Viesenteiner, deve ser compreendido enquanto “destino da tarefa que se impõe ao homem, cujo trabalho sobre si mesmo ocorre através das vivências” (p.190): “cultivo de si”, finalmente, como uma “espécie de jardinagem” (p.194). Por fim, de modo fundamental o quarto movimento deste segundo capítulo destaca o fato de que para a manutenção dessa “jardinagem de si” como pressuposto de “estilizar o caráter ininterruptamente” por meio de um “exercício de cultivo de si”, conforme destaca Viesenteiner, seria preciso atravessar não apenas uma única vivência mas, “uma somatória de ‘destinos e convulsões’” e “um punhado de saber e uma sacola plena de experiências” tal como seria em termos do próprio Nietzsche uma “somatória de vivências” (p.204-5).

No terceiro capítulo, intitulado “Tornar-se o que se é: linguagem e intencionalidade”, Viesenteiner se propõe a resolver dois “problemas” que se originam ao longo de sua tese: o primeiro é o “problema que envolve linguagem” e, o segundo, “a questão da intencionalidade”. Neste ponto, inevitavelmente, a hipótese de Viesenteiner é a de que “a resolução” desses problemas “pressupõe a análise do estilo da escrita filosófica de Nietzsche” (p.216). Esse primeiro “problema” é desenvolvido no primeiro subitem “O problema da linguagem da comunicação da vivência” e, conseqüentemente, no segundo intitulado “Zaratustra como personificação de uma vivência”. Tratando de circunscrever esse desafio a partir da análise de aforismos pertencentes “a um dos textos mais maduros de Nietzsche” (BM 268; GC 345; GC 381), Viesenteiner parte de uma dupla de questões que se abrem acerca do “problema linguístico a propósito da comunicação da vivência”: são elas “o esforço nietzscheano pela inversão do problema da compreensibilidade” e, o enfoque específico “à sua [de Nietzsche] forma específica de escrita filosófica”, a “*Schriftstellerei*” (p. 217). Para Viesenteiner, a maneira pela qual Nietzsche “inverte” a suposta “possibilidade de meta-compreensibilidade” exigida pela tradição filosófica, se dá a partir de uma estratégia de “se distanciar da situação na própria situação” que se efetiva em Nietzsche sob a eficácia de uma linguagem que se utiliza de uma *radical individualização dos signos* e do pensamento, uma “forma de comunicação que está aquém do conceito ou é pré-conceitual”, ou seja, “a linguagem ditirâmbica ou musical”. O que o autor apresenta como sendo “inversão do problema da compreensibilidade” trata-se de um “questionamento que Nietzsche faz” sobre a “exigência de compreensibilidade universal” estabelecida pela tradição filosófica que pode ser ilustrada pelo “*consensus sapientium*”. A ideia fundamental é a de que essa “exigência de compreensibilidade universal” seria um modo de “desindividualização da própria vida” no

âmbito de um “gigantesco processo de vulgarização” na medida em que a comunicação dos indivíduos “sob determinadas condições de vida” requer sempre o ter “algo em comum” (*gemein*). Neste sentido, segundo Viesenteiner, a “inversão do problema da compreensibilidade” em Nietzsche, como preservação da “radical individualidade de um pensamento”, “retira toda concordância e, portanto, toda moralidade conceitual” do pensamento (p.223). Portanto, o modo como Nietzsche opera essa inversão já destaca a segunda questão imbricada que é “a sua forma específica de escrita filosófica”. Essa é refletida sob uma “nova linguagem” que, tanto faz uso de “auto-emprego de diferenciações”, quanto utiliza-se de “ambiguidades” e “paradoxos” no âmbito de um alargamento da “margem de atuação” (*Spielräume*) e, conseqüentemente, da interpretação que, por fim, culmina em completos “mal-entendidos” (p.223). Ademais, essa “inversão do problema da compreensibilidade” a partir de um exercício de questionamento radical da “univocidade da compreensão” requer, de acordo com Viesenteiner, que Nietzsche construa “uma filosofia da interpretação e do signo” pelo qual tem-se como fundamental uma “elucidação de signos através de signos” (p.227). Deste modo, a faceta fundamental dessa “forma específica da escrita filosófica” de Nietzsche, conforme suscita Viesenteiner, é a “comunicação de uma tensão interna de pathos” refletida, todavia, nos “ditirambos” personificados pela figura de Zaratustra em que nada se “explica conceitualmente”, ou seja, não se trata de uma linguagem “compreendida conceitualmente”, mas, atravessada pela individualidade de uma vivência (p.256-86). Por outro lado, finalizando o capítulo, o tema da intencionalidade é desdobrado no terceiro e último subitem “O 'destino' de 'tornar-se o que se é’” e é desenvolvido por meio de uma análise detida da fórmula do subtítulo de *Ecce homo*: “*wie man wird, was man ist*” (p.288). Ao desmontar os componentes da fórmula, Viesenteiner interpreta, grosso modo, que não há “intencionalidade” no processo de “tornar-se” na medida em que: 1) esse “tornar-se” encontra-se sob a “perspectiva da necessidade e do destino” que o “pathos da vivência” conjuga (p.288-93); 2) há um deslocamento realizado por Nietzsche no uso impessoal de “man” (na terceira pessoa do singular) que abre a possibilidade interpretativa para a ênfase dessa “indeterminação do homem” e não intencionalidade na ação de “tornar-se” (p.293-7); e, por fim, 3) trata-se de ler a fórmula “tornar-se o que se é” como “mera semiótica” na medida em que é possível concebê-la dentro de uma “fluidez” cuja significação é “precisamente privilegiar um processo que se desdobra na própria vida” e que se revela “como algo ‘inteiramente indefinível’” (p.297-301).

Por fim, embora existam conclusões, no texto de Viesenteiner, para além de sua

eficaz estruturação, do rico debate com a pesquisa internacional (*Nietzsche-Forschung*) e objetividade e clareza de seus argumentos, o trato com a temática da “vivência” é inteiramente embebida do “pathos” que, por ora, o próprio autor investiga. Ao concluir o texto com noções como “justiça trágica” e “filosofia do silêncio”, essa dimensão “pathética” de “honestidade da busca” dá ao livro de Viesenteiner uma riqueza singular um pouco incomum em textos acadêmicos: o reflexo disso é o fato do livro, por exemplo, não terminar com um “ponto final” o que, enquanto brincadeira com os signos, enfatiza as possibilidades de abertura para a “tarefa” do “tornar-se o que se é” para além da letra nietzscheana.